



Convergência, *performance* e memorial: ações no sítio do trauma na boate Kiss (Santa Maria – RS)

Convergence, performance and memorial: actions at the trauma site at Kiss Nightclub (Santa Maria, RS, Brazil)

Convergencia, performance y memorial: acciones en el lugar del trauma en la Discoteca Kiss (Santa Maria, RS, Brasil)

Dani Marin¹

Juliane Conceição Primon Serres²

Recebido em: 11 mar. 2025
Aceito para publicação em: 13 jul. 2025

¹ Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Museóloga egressa da mesma universidade. Pesquisadora de dinâmicas de respostas comunitárias em desastres. Membro do Núcleo de Estudos sobre Memória e Patrimônio em Lugares de Sofrimento (NEMPLuS) do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP) da UFPeL. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0483-0971>.

² Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), mestra em Museologia pela Universidad de Granada – Espanha, mestra em História pela Unisinos e bacharelada e licenciada em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora associada na UFPeL. Docente permanente no PPGMP e no Departamento de Museologia, Conservação e Restauro. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4848-1539>.

Resumo: Este estudo aborda como desastres, memórias traumáticas e *performances* memoriais no espaço público consolidam discussões em diferentes localidades, usando como caso o incêndio na boate Kiss, ocorrido em 27 de janeiro de 2013 em Santa Maria, Rio Grande do Sul. A pesquisa enfatiza o papel da fachada do prédio e da Rua dos Andradas no trabalho de “memória da ocorrência”. Para refletir sobre o assunto, o trabalho dialoga com literatura interdisciplinar e registros documentais de dois jornais locais, coletados no Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria (AHMSM). A metodologia de análise de conteúdo permitiu identificar, organizar e selecionar materiais que retratam ações na Rua dos Andradas. Foram criadas diferentes categorias de análise, e focou-se na “Categoria 1 – Prédio da boate Kiss”, investigando 29 matérias dos jornais *A Razão* e *Diário de Santa Maria* no primeiro mês após o incêndio. Buscou-se entender as condições de produção das mobilizações no espaço público, destacando o comportamento de convergência, que se refere a um direcionamento social para os locais relacionados a desastres. O texto compara comportamentos convergentes em Santa Maria com casos como o 11 de setembro de 2001 e atentados em Madri em 2004. As *performances* memoriais expressaram sentimentos e reminiscências, sendo influenciadas por transformações estruturais nas sociedades e pela globalização e transnacionalização da memória. A pesquisa avaliou como as sociedades contemporâneas representam seus traumas e os diversos processos de memorialização que surgem em resposta a tais eventos traumáticos.

Palavras-chave: memória; trauma; memorialização; boate Kiss; desastre; tragédia de Santa Maria.

Abstract: This study addresses how disasters, traumatic memories, and memorial performances in public spaces consolidate discussions in different localities, using the Kiss Nightclub fire, which occurred on January 27, 2013, in Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brazil, as a case study. The research emphasizes the role of the building’s façade and Andradas Street in the work of “memory of the occurrence”. To reflect on this, the study dialogues with interdisciplinary literature and documentary records from two local newspapers, collected at the Municipal Historical Archive of Santa Maria. The content analysis methodology allowed the identification, organization, and selection of materials depicting actions on Andradas Street. The analysis created different categories and focused on “Category 1: Kiss Nightclub building”, investigating 29 articles from the newspapers *A Razão* and *Diário de Santa Maria* in the first month after the fire. The study sought to understand the conditions of production of mobilizations in public spaces, highlighting the behavior of convergence, which refers to a social orientation towards locations related to disasters. The text compared convergent behaviors in Santa Maria with those in cases such as September 11, 2001, and the bombings in Madrid, Spain, in 2004. Memorial performances expressed feelings and memories, influenced by structural transformations in societies and the globalization and transnationalization of memory. The study analyzed how contemporary societies represent their traumas and the various memorialization processes that arise in response to these traumatic events.

Keywords: memory; trauma; memorialization; Kiss Nightclub; disaster; Santa Maria’s tragedy.

Resumen: Este estudio aborda cómo desastres, memorias traumáticas y *performances* memoriales en el espacio público consolidan discusiones en diferentes localidades, usando el caso del incendio en la Discoteca Kiss, ocurrido el 27 de enero de 2013, en Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. La investigación enfatiza el papel de

la fachada del edificio y de la Calle de los Andradas en el trabajo de “memoria del acontecimiento”. Para tanto, el estudio dialoga con literatura interdisciplinaria y registros documentales de dos periódicos locales recolectados en el Archivo Histórico de Santa Maria. La metodología de análisis de contenido permitió identificar, organizar y seleccionar materiales que retratan acciones en la Calle de los Andradas. El análisis creó diferentes categorías de análisis y se enfocó en la “Categoría 1: Edificio de la discoteca Kiss”, investigando 29 artículos de los periódicos *A Razão* y *Diário de Santa Maria* en el primer mes después del incendio. El estudio buscó entender las condiciones de producción de las movilizaciones en el espacio público, destacando el comportamiento de convergencia, que se refiere a una orientación social hacia los lugares relacionados con desastres. El texto he comparado comportamientos convergentes en Santa Maria con casos como el 11 de septiembre de 2001 y los atentados en Madrid, España, en 2004. Las performances memoriales expresaron sentimientos y memorias y fueron influenciadas por transformaciones estructurales en las sociedades y por la globalización y transnacionalización de la memoria. El estudio analizó cómo las sociedades contemporáneas representan sus traumas y los diversos procesos de memorialización que surgen en respuesta a esos eventos traumáticos.

Palabras clave: memoria; trauma; memorialización; Discoteca Kiss; desastre; tragedia de Santa Maria.

INTRODUÇÃO

Este texto estrutura-se com base em abordagens do estudo de desastres, das *performances* memoriais e das memórias traumáticas, tendo como enfoque o caso das ações no sítio do incêndio da boate Kiss, em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil³. A pesquisa dá-se em um contexto em que esses três campos, de diferentes modos, se debruçam sobre o fenômeno de movimento dos indivíduos no espaço público em reivindicações memoriais. As reivindicações aqui abordadas são aquelas que resultam de cisões no tecido social e que são cada vez mais analisadas e discutidas em contextos globais, como alguns casos apresentados a seguir, que auxiliam na compreensão desse universo complexo:

- A situação dos atentados terroristas a Nova York e Arlington, Estados Unidos da América, em 11 de setembro de 2001⁴ gerou grandes mobilizações no espaço público em Manhattan, entre outras localidades. Houve ações em que sujeitos ocupavam locais como trechos da West Side Highway⁵, um lugar de passagem, portando bandeiras e cartazes em incentivo aos profissionais que trabalhavam nos destroços

³ Em 27 de janeiro de 2013, durante uma festa universitária na boate Kiss, em Santa Maria (RS), um artefato pirotécnico acionado pela banda atingiu o teto revestido de espuma, iniciando um incêndio que matou 242 pessoas e feriu 636. O fato gerou amplo debate e mudanças na legislação de segurança em casas noturnas, assim como mobilizações comunitárias até a atualidade.

⁴ Em 11 de setembro de 2001, militantes da Al-Qaeda sequestraram quatro aviões comerciais nos Estados Unidos; dois foram atirados contra as Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova York, um atingiu o Pentágono, em Arlington (Virgínia), e o quarto caiu na Pensilvânia. Os ataques causaram cerca de 3 mil mortes e desencadearam profundas mudanças nas políticas de segurança nacional e internacional, além de forte impacto simbólico e memorial em escala internacional.

⁵ Ver mais detalhes em Pachucki (2025).

das torres; centenas de pessoas dirigiram-se a Union Square (Village Preservation, 2025) e depositaram flores e mensagens dedicadas às vítimas da situação, assim como tantas outras cruzes e bandeiras foram afixadas em gramados, nas proximidades do Pentágono, em Arlington;

- Também nos EUA a situação de terrorismo interno em Oklahoma, em 1995⁶, resultou na fixação de centenas de objetos nas grades de isolamento que foram erigidas no local após a explosão (Sturken, 2007);
- Nos atentados terroristas à Espanha, na região de Madri, em 2004⁷, a resposta comunitária transformou os espaços internos e externos das estações de trem, como no terminal de Atocha, estação El Pozo, e outros espaços da cidade de Madri (Sanchez-Carretero, 2006);
- No genocídio nazista, com ênfase nas ações ocorridas em Auschwitz-Birkenau, na Polônia, a partir de 1945 diversas pessoas se dirigiram ao campo, tanto para protegê-lo de saques quanto para, posteriormente, homenagear os que lá morreram (Sauer [...], 2016; Remembrance [...], 2017).

O caso específico tratado neste artigo, o incêndio na boate Kiss, ocorreu quando, durante uma festa universitária na boate, um artefato pirotécnico acionado pela banda que tocava no local atingiu o teto revestido de espuma, iniciando um incêndio que matou 242 pessoas e feriu 636 (Roese, 2013a, p. 3; As imagens [...], 2013, p. 14-19; O palco [...], 2013, p. 20-21; Cronologia [...], 2013, p. 24-25). Transcorrida a tragédia, iniciaram-se as mobilizações comunitárias, tal qual nos casos anteriormente citados, como protestos, atos de *performances* e a criação de memoriais no local. Essas mobilizações serão exploradas ao longo do texto.

Figura 1 – Fotografia de Jean Pimentel



Fonte: Lotação [...], 2013, p. 9

⁶ Em 19 de abril de 1995, o supremacista de extrema-direita Timothy McVeigh, com auxílio de Terry Nichols, detonou um caminhão-bomba com fertilizante em frente ao Edifício Federal Alfred P. Murrah, em Oklahoma City. O ataque matou 168 pessoas, feriu mais de 680 e destruiu um terço do prédio, que abrigava desde escritórios de organizações públicas a espaço de creche para filhos de funcionários. Este configura-se como o ato de terrorismo interno mais letal nos EUA até então, motivado por retaliação aos cercos de Ruby Ridge e Waco.

⁷ Em 11 de março de 2004, uma célula terrorista inspirada na Al-Qaeda colocou mochilas-bomba em quatro trens entre Alcalá de Henares e Madri durante o horário de pico, provocando 193 mortes e cerca de 2.050 feridos, apenas três dias antes das eleições gerais espanholas.

A figura 1 representa um quadro da constituição memorial realizada no local do incêndio. Pode-se observar uma composição constituída de várias flores, cartazes, algumas fotografias e bandeiras. Entre as diversas manifestações escritas, assinalam-se algumas poucas: “E a culpa é de quem? Justiça!”, “E agora, qual a saída?” e “Luto”, que demonstravam o tom das narrativas presentes naquele momento.

Pretende-se analisar as condições de ocorrência do memorial que passou a ser constituído na Rua dos Andradas no local do incêndio da boate, por meio daquilo que Patrick Garcia (2010) indicou como a busca por compreender de que maneiras esse tipo de objeto se instituiu e por meio de quais linguagens, imagens e discursos alcançou a esfera coletiva. Assim, busca-se identificar as condições de produção dessas manifestações que ocuparam aquele sítio, com base em um recorte temporal demarcado no primeiro mês de ações após o incêndio.

Para tal feito, parte-se do pressuposto de que, em situações de caráter como o da boate Kiss, se manifestam diversas formas de resposta social e institucional. Santa Maria fica localizada na região central do Rio Grande do Sul (RS)⁸ e, por essa característica geográfica, é também conhecida como “o coração do RS”. Possui a atmosfera de uma sociedade voltada às juventudes, haja vista a estrutura de ensino superior na cidade, composta pela Universidade Federal de Santa Maria, fundada em 1960, para a qual muitos jovens da região acedem para estudar, entre outras instituições. Nesse sentido, havia e ainda há uma particular relevância da vida jovem na localidade.

À primeira vista a dimensão da situação evidentemente se dava pelo fato de mais de 200 jovens terem falecido naquela boate, assim como outras dezenas de falecidos em diversos hospitais de todo o Rio Grande do Sul, em decorrência de um incêndio. Já seria elemento suficiente para significativa comoção. Não obstante, de forma resumida, um conjunto de aspectos da situação da Kiss dimensiona tanto as grandes proporções do impacto causado quanto as complexidades do processo de desastre, a saber: a ausência de orientações para a fuga da boate; a própria estrutura interna, dividida em ambientes e com mobiliários que se tornaram obstáculos e dificultaram a circulação; o resgate institucional e/ou empreendido por civis; as investigações amplamente divulgadas enquanto aconteciam; as respostas e narrativas do ente público municipal, dos sócios e da banda, das mídias, de diversas outras instituições, do Estado, do ente federativo e da comunidade local – ora convergentes, ora divergentes, por vezes contraditórias, contenciosas e múltiplas. Todos esses elementos, em sua diversidade, conferiam sentidos ao processo social que se desenrolava naquele momento (Pânico [...], 2013, p. 26; Py Dutra, 2013, p. 4-5).

Em razão disso tudo, há possibilidade de existirem diferentes comportamentos comunitários, como os de “convergência” – um comportamento social de direcionar-se aos sítios demarcados como meio de vinculação a um processo de desastre (Fritz; Mathewson, 1957), como aconteceu na Rua dos Andradas, em Santa Maria, em janeiro de 2013, no local do incêndio (No local [...], 2013, p. 15; Mãe [...], 2013, p. 13). Desse modo foi possível detectar comportamentos convergentes de pessoas que manifestavam, de distintas formas, expressões de luto, de memorialização, de apoio e contestação, conforme definido por James Kendra e Tricia Wachtendorf (2003).

Assim, essas situações podem, ou não, desencadear diversos processos que utilizam (ou encontram) a memória como mote para a reivindicação de suas vítimas, a responsabilização de seus perpetradores e muitas vezes para demandar reparação, nos mais diversos cenários e situações. Nessa esteira, a memória ocupa um lugar central na esfera das preocupações políticas e culturais das sociedades atuais (Huyssen,

⁸ Localização de Santa Maria: <https://maps.app.goo.gl/YimxWcwRZBhw96td9>.

2000), proposição que resulta em diversos desdobramentos, como na globalização da memória (Rousso, 2014), em sua transnacionalização (Huyssen, 2000), ou como uma memória multidirecional em que as sociedades capitalistas globalizadas fornecem ou compartilham entre si referências memoriais que influenciam os olhares ao passado, a partir do presente, com a preocupação de garantir o futuro (Rothberg, 2011). Por isso, esses autores questionam o aparecimento de semelhanças nas formas como as sociedades escolhem representar seus traumas, por meio do que Patrick Garcia (2010, p. 37), evocando Maurice Halbwachs, defende como a ação de “correntes de memória” para indicar essa medida comum entre os processos memoriais espalhados geograficamente. É o que se observa nos exemplos supracitados, nos EUA, Espanha, Polônia e Santa Maria, com as manifestações comunitárias iniciais e, em todos os casos, a criação de museus e memoriais permanentes para essas representações⁹.

Toda essa discussão centra-se significativamente em movimentos que buscam decidir o que fazer com os lugares assinalados por ocorrências e situações de dor e sofrimento, em que esses sítios podem ser revitalizados ou sediar a construção de novos espaços, favorecendo ou não discussões sobre a memória (Fleury; Walter, 2011). Ademais, os trabalhadores da memória¹⁰ podem se utilizar do que ficou entendido como uma arquitetura memorial que constitui “modelos memoriais” (Chevalier, 2016, p. 242), composta também por tendências museográficas, além da proposição e consolidação de protocolos de oficialização destes como um patrimônio negativo que habita as sociedades (Wahnich, 2011), inclusive por meio dos títulos de patrimônio da humanidade da Unesco (Chevalier, 2016), ou em outras esferas. Entre os casos mais difundidos estão aqueles vinculados ao processo memorial decorrente da memorialização e patrimonialização da Shoah, constituindo museus e memoriais em sítios que um dia foram campos de concentração e extermínio nazista. Um dos exemplos é Auschwitz-Birkenau, na Polônia, inscrito na lista do Patrimônio Mundial da Unesco¹¹.

A proposta deste artigo é utilizar tal arcabouço para refletir sobre fenômenos que antecedem as discussões e proposições de criações oficiais e reconhecimentos institucionais. Dessa forma, na primeira parte do texto, objetiva-se debruçar sobre a bibliografia que foca casos de manifestações imediatas em resposta a situações traumáticas, discutindo algumas características fundamentais das ações memoriais vinculadas. Na segunda parte, revisitam-se registros do primeiro mês após o incêndio na boate Kiss, por meio da mídia impressa local, com a intenção de identificar movimentos fundadores de mobilizações circunscritas ao espaço da calçada do edifício da boate e na via pública.

⁹ National September 11 Memorial & Museum: <https://www.911memorial.org/>; National 9/11 Pentagon Memorial: <https://pentagonmemorial.org/about-the-memorial/>; Oklahoma National Memorial & Museum: <https://memorialmuseum.com/>; em referência ao Espacio de Homenaje a las Víctimas del 11M en la Estación de Atocha: <https://www.comunidad.madrid/noticias/2024/03/04/comunidad-madrid-crea-nuevo-espacio-homenaje-victimas-11m-estacion-atocha>; Auschwitz-Birkenau State Museum: <https://www.auschwitz.org/>; em referência ao Memorial às Vítimas da Boate Kiss: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/07/10/construcao-de-memorial-em-homenagem-as-vitimas-da-boate-kiss-comeca-apos-11-anos-do-incendio-em-santa-maria.ghtml>.

¹⁰ Agentes sociais que fomentam os processos de memorialização, musealização e patrimonialização.

¹¹ Mais informações sobre o processo podem ser acessadas no site do Patrimônio Mundial da Unesco: Campo de concentração e extermínio nazista alemão de Auschwitz-Birkenau (1940-1945) – <https://whc.unesco.org/en/list/31/>.

POR ENTRE CONCEITOS DA CONVERGÊNCIA, *PERFORMANCE* E MEMORIAIS

O tema central aqui apresentado diz respeito ao estudo do fenômeno social das mobilizações performático-memoriais (ou *performances* memoriais no espaço público) no espectro de situações de trauma resultantes de ocorrências de morte em massa, que podem deixar marcas profundas na consciência e identidade da coletividade envolvida (Alexander, 2016). Partindo desse pressuposto, surgem ações definidas como: *"Estas prácticas (que) suponen modos alternativos de apropiación física y/o simbólica del espacio público y a menudo implican una renovación de los lenguajes estéticos y políticos"*¹² (Schindel, 2009, p. 84). Englobam-se, assim, diversas formas de atuação. Com base no processo metodológico de Bardin (2004), em que se empregou a codificação dos conteúdos coletados em periódicos, chegou-se à seguinte categorização: a) as mobilizações – podem referir-se à convergência composta por mobilização comunitária, demarcada por grandes reuniões, como assembleias públicas e marchas com um significativo número de participantes; b) os atos – concernem a *performances*, muitas vezes de grupos específicos, que utilizam linguagens artísticas para demarcar um espaço, registrando por intermédio do corpo e outros elementos a memória; c) os memoriais – dizem respeito à criação desses objetos, como construções públicas da sociedade civil resultantes das mobilizações e dos atos.

Nesse escopo, a manifestação dessa tríade ocorre, em sua maioria, sem o fomento de instituições, seja do poder público ou não, e em dinâmicas temporais específicas, conforme propôs Jack Santino (2010). Ademais, parte-se do pressuposto de que cada ocorrência merece especial atenção à sua causa e à constituição de linguagens que representam questões dos traumas que as originaram (Santino, 2010). Por isso, busca-se compreender aspectos primários dessas mobilizações e atos – sobre as diferenças e similaridades possíveis entre elas, as definições empregadas pela mídia e, se possível, quais foram seus objetivos, formatos e destinos (Santino, 2010).

Dessarte, a ação das pessoas em cena pode ser compreendida como “[...] tradições da prática corporificada e do conhecimento corporal [...]”¹³ (Taylor, 2003, p. 13, tradução livre), na operação da relação entre os sujeitos e o espaço. Além disso, essas mobilizações e atos “[...] funcionam como atos vitais de transferência, transmitindo conhecimento social, memória e um senso de identidade por meio da reiteração [...]”¹⁴ (Taylor, 2003, p. 2, tradução livre), aspectos significativos desses comportamentos que resultam na construção dos respectivos memoriais. Sendo assim, trata-se da investigação dos significados das transmissões de conhecimento social, da memória e do senso de identidade, que se manifestam no processo de atuação dos indivíduos.

Com base nisso, centrando-se especificamente nos memoriais criados mediante mobilizações e atos, cabe uma breve discussão referente às suas características e ao desdobrar de sua existência. Sendo assim, na perspectiva de Erika Doss (2008), são “memoriais temporários”, pois se mantêm por algum tempo com suas materialidades em lugares específicos, não sendo manifestações de um único momento. G  r  me Truc

¹² Em tradu  o livre: “Essas práticas envolvem modos alternativos de apropria  o física e/ou simbólica do espaço público e frequentemente implicam uma renova  o das linguagens est  ticas e políticas”.

¹³ Originalmente em inglês: “traditions of embodied practice and corporeal knowledge”.

¹⁴ Originalmente em inglês: “function as vital acts of transfer, transmitting social knowledge, memory, and a sense of identity through reiterated”.

(2012), inspirado em Halbwachs, discute-os como processos que resultam em uma verdadeira transfiguração do lugar em que se instalam, modificação dada por meio da memorialização que os envolve.

Entendidos como repositórios de emoções (Doss, 2008), são, na maioria das vezes, compostos por elementos como flores, velas, mensagens escritas e diversos outros objetos, muitos deles relacionados direta ou indiretamente às vítimas, como pelúcias ou brinquedos para crianças e camisas de time para torcedores, que ajudam a recordar e evocar essa representação (Truc, 2012). Principalmente na América do Norte e Europa proliferam análises de sua manifestação, segundo diferentes percepções, que outorgam a eles distintos nomes, como altar, santuário espontâneo, memorial popular (Truc, 2012); memoriais efêmeros (Huertas, 2017); memoriais espontâneos (Victim Support Europe, 2019; Egbo, 2010); memoriais temporários (Doss, 2008); altares espontâneos, na Colômbia (Grisales, 2014); e memorial como santuário (Sturken, 1991). Tais nomenclaturas refletem as diferentes interpretações a respeito dessas práticas, que se transformam com o passar do tempo e estão relacionadas aos contextos teóricos e empíricos em que foram criadas.

São muitos os significados empregados na tentativa de definir esses objetos, que representam para Doss (2008) algumas limitações de entendimento acerca deles. Desse modo, tal autora contesta algumas dessas denominações, como: o uso de “santuário”, por não se vincular a religião; o uso de “vernáculo”, pois opera em lógica globalizante; o uso de “efêmero”, pois os objetos passaram a ser alvo de processos de documentação e arquivamento, originando coleções ou até museus para sua guarda; o uso de “espontâneo”, pois são auto-organizados (Doss, 2008). Esses contra-argumentos levam Doss (2008) a adotar o termo “memoriais temporários”, por conta do olhar de produção e consumo dessas formas de comemoração localizadas no tempo. Para ela, há nesses memoriais uma lógica processual, dizendo respeito à sua produção, difusão, vivência e significados recebidos, elementos que dão corpo ao estudo proposto por Doss (2008), levando em conta a significação simbólica da experiência humana organizada e suas nuances afetivas simultâneas, que devem ser consideradas.

A proposta de Doss, dando ênfase à questão relacionada aos movimentos geradores desses memoriais, fomenta a indagação de entendê-los com base naquilo que os gera. Por esse motivo, são aqui caracterizados como memoriais que existem (e só existem e perduram) pelos comportamentos de convergência em processos de desastres. O entendimento de convergência que se propõe é o mesmo de Fritz e Mathewson (1957), que, apesar de usarem o significado direto da palavra “convergência”, explicitam que é uma convergência em desastres. Assim, não se trata somente do ato de convergir a uma localização, mas de convergir por e para atuar, por meio de diferentes comportamentos convergentes, em uma situação que rompeu com o tecido social, que é o desastre. Nesses termos, são entendidos como memoriais de convergência (em desastres) (Rangel, 2022).

Outrossim, ao longo da vida desses memoriais, outros elementos são identificados, como as peregrinações voltadas aos sítios que estão instalados, as quais, segundo Truc (2012), se constituem como parte da manutenção deles. Ainda, para o autor, há uma certa necessidade de “ver para crer” (Truc, 2012, p. 152), possibilitando aos sujeitos que percebam, por meio da visita, a real dimensão do caso. Seria, portanto, uma outra forma de entender e interpretar a convergência. Nessa direção, indaga-se se em tempos atuais os espaços dessas manifestações são visitados pelo “peregrino devoto” ou pelo “turista curioso” sedento de experiência, em termos de *dark tourism*, que poderiam ser compreendidos, por meio de Kendra e Wachtendorf (2003), como “*supporters or*

fans" e *"curious or exploiters"*, respectivamente¹⁵. Além disso, para Collins, citado por Truc (2012), independentemente da reflexão sobre os papéis que cumprem um turista e um peregrino, discute-se que há uma certa atração emocional por esses lugares, o que pode ser uma das explicações para o fenômeno de convergência.

Nessa direção, Doss (2008) defende que esses lugares são resultado da modificação das dinâmicas de práticas culturais e sociais de luto público, relativas às necessidades contemporâneas da relação travada com a morte, a dor e a memória. Esses lugares são, para ela, "repositórios de sentimentos e emoções", sendo necessário entender a mediação do luto que eles possibilitam, as emoções que os constroem, quais memórias desempenham, e, do ponto de vista social, o que podem dizer sobre a memorialização contemporânea (Doss, 2008, p. 11-12). Assim, essas constituições, para Doss (2008, p. 7-8), são reflexo de uma "mania do memorial" resultante da obsessão pela memória, pela história e por se expressar em âmbito público. Ainda para ela, essas ações são movidas por estados de emoção, fato que as torna um tanto imprevisíveis e instáveis. Desse modo, a autora trata-as de forma ambivalente no que diz respeito a agitar ou acalmar as situações que lhes deram origem (Doss, 2008).

Cabe refletir ainda acerca da manutenção, da permanência ou do desaparecimento desses memoriais, tanto no âmbito da representação de uma memória coletiva quanto na esfera da ação. Para Truc (2012), com base em seu estudo de *La topographie légendaire des Evangiles en Terre Sainte*, de Halbwachs (1941), a permanência desses tantos ancoradouros memoriais deve-se a um grupo que os preserve, pois do contrário esse espaço perderia sua função principal de memória e viria a desaparecer com o fim da convergência. É nessa direção que Truc alerta o olhar dos pesquisadores dessas manifestações para que percebam as topografias, tanto do aspecto do surgimento (por meio dos memoriais criados) e da manutenção delas (pelos cidadãos, familiares, sobreviventes e amigos de vítimas) como de seu desaparecimento.

POR ENTRE CASOS DE CONVERGÊNCIA, *PERFORMANCE* E MEMORIAL

O processo de desastre instalado em Santa Maria suscitou a participação pública em ações diversas ou mesmo a circulação de pessoas em alguns dos lugares vinculados à situação traumática. Em contextos similares, Truc (2012) afirmou que o trabalho da mídia influencia essas formas de manifestação memorial, assim como a construção das memórias coletivas. Além disso, destacou que, por parte dos públicos, há uma tentativa de inserir ou enquadrar a imagem mental construída pela cobertura midiática no ambiente visitado, o qual, para eles, representa a ocorrência traumática.

Aqui se propõe um diálogo entre a literatura de caráter interdisciplinar e o caso específico da boate Kiss, com base na análise do registro documental de dois jornais da localidade: o *Diário de Santa Maria* (DSM), que está em atividade desde 2002 até os dias atuais, e o jornal *A Razão* (AR), que funcionou entre os anos de 1934 e 2017. A coleta do material deu-se por meio de pesquisa no Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria (AHMSM) em 2019. Pela metodologia de análise de conteúdo (Bardin, 2004), entre pré-análise, codificação, categorização e inferência, foi possível conhecer o *corpus* jornalístico, posteriormente coletando, identificando, organizando e selecionando as

¹⁵ Conforme Kendra e Wachtendorf (2003): *"the supporters or fans"*, que demonstram solidariedade à comunidade e apoio aos agentes de socorro; *"the curious"*, que desejam ver para crer; e *"the exploiters"*, que se aproveitam da situação de diferentes formas.

matérias mediante a natureza dos atos relatados, codificando-os como: a) as mobilizações comunitárias; b) os atos de grupos organizados; c) a criação de memoriais.

Esse processo, que será analisado a seguir, resultou na primeira etapa, a criação de diferentes índices de categorização espacial, como um primeiro filtro de distinção de localização das manifestações públicas na cidade, os quais foram definidos como: 1) proximidades do local do incêndio; 2) a via pública; 3) instituições.

Seguindo o percurso metodológico de Bardin (2004), esse primeiro filtro transformou-se em categorias e compreendeu diversos sítios. Assim sendo, foram nove categorias dedicadas a aglutinar ações empreendidas no prédio da boate Kiss; no Centro Desportivo Municipal Miguel Sevi Viero (CDM); nas ruas (vias públicas); na Praça Saldanha Marinho; nos colégios Franciscano Sant’Anna e Marista de Santa Maria; no prédio da Sociedade União dos Caixeiros-Viajantes (SUCV) – Gabinete Executivo Municipal; na Câmara Municipal de Vereadores; no Ministério Público de Santa Maria; e na Universidade Federal de Santa Maria. A criação dessa distinção entre os sítios de manifestação possibilitou compreender que diferentes tipos de ação ocorriam em cada tipo de local (Rangel, 2022). Não obstante, neste artigo o foco está em uma dessas categorias, referindo-se a uma variedade de ações que ocorreram no entorno do prédio da boate Kiss, o local da situação de morte pública.

Ao longo desses 12 anos, o cenário local resultou em inúmeras ações, como a criação de diversas associações e grupos de familiares, sobreviventes e amigos de vítimas (Covalesky, 2013, p. 10); marchas com até 30 mil participantes nas ruas da cidade (Local [...], 2013, p. 22; Homenagens e cobranças, 2013, p. 2); várias propostas de construção de monumentos e memoriais em diferentes espaços da cidade (Brun, 2013, p. 17); o estabelecimento de marcas no espaço público que se mantiveram durante longos períodos (A vida [...], 2013, capa; Um mês [...], 2013, p. 6); eventos que reuniram familiares e vítimas de outras situações nacionais e internacionais; a adesão e participação de artistas e outras personalidades de influência e alcance nacional e estrangeiro (Roese, 2013c, p. 6); o lançamento de diversos livros sobre variados aspectos da ocorrência; a arrecadação de cerca de 250 mil reais para a execução de um concurso a fim de escolher um projeto de memorial a ser construído no local do incêndio; documentário e série televisiva produzidos por gigantes do audiovisual – todos estes de instância comunitária. Muitos desses feitos são bem conhecidos e estudados por diversas áreas do conhecimento, constituindo um arcabouço significativo de referências por meio de vários artigos e outras produções acadêmicas disponíveis *online* sobre o caso da boate Kiss e seus desdobramentos. Ainda, somam-se a essas as informações de Santa Maria reunidas por Rangel (2019) por ocasião do levantamento empreendido no material da mídia impressa local.

Nos dias posteriores ao incêndio, o espaço urbano – mas não só este – passou a receber manifestações de inúmeras ordens. Tanto no caso gaúcho quanto em muitos outros, o local marcado pelo trauma ou seus representantes passaram a ser significados por diferentes sentidos, como cenários daquilo que se denominou de “*performances* improvisadas e instantâneas de comemoração pública” (Doss, 2008, p. 8) e que Rebeca Clifford (2013, p. 25) nomeou de “atos dramáticos da memória”. Nesse caso, o enfoque recai sobre propostas articuladas a partir de um mesmo espaço (Rua dos Andradas), inseridas em uma determinada linguagem (a tríade supracitada – as mobilizações comunitárias; os atos de grupos organizados; a criação de memoriais) e situadas em um período específico (janeiro e fevereiro de 2013).

O primeiro aspecto que se aborda diz respeito ao local, que nesta proposta se circunscreve somente ao trecho da Rua dos Andradas, a qual se tornou, junto ao prédio da boate, o centro de muitas ações. Essa via central, com instalações comerciais

e residenciais, serve de acesso à principal avenida do centro da cidade, a Rio Branco. Costumeiramente tinha forte movimento de pedestres e veículos, tanto de passeio quanto de transporte público. A partir da ocorrência do incêndio, transformou-se em um local fortemente marcado, primeiro pelo aspecto do fato gerador, para posteriormente tornar-se cenário para diversas mobilizações e atos.

É importante citar que esse local e as ações nele empreendidas, embora significativos por sua característica de sítio fundamental do trauma, não representam a totalidade ou unicidade do fenômeno memorial nessa localidade. Porém, após a ocorrência, ele foi o primeiro a ser marcado ou, na perspectiva de Truc (2012), aquele que primeiro passou a ser transfigurado pela ação da memória, sendo então transformado em processo de atribuição de um *status* especial, caracterizado pela ritualidade dada por meio da presença de peregrinos urbanos cotidianos (Doss, 2008). Logo, expressando uma relação recíproca (Truc, 2012), além da marca evidenciada em suas ruínas, prevaleceram transformações manejadas pelos sujeitos envolvidos.

Assim, inicialmente, a fachada do prédio estava indisponível para qualquer tipo de manifestação, pelo fato de que na calçada da boate repousavam entulhos resultantes das tentativas externas de violar a estrutura da construção para criar rotas de fuga àqueles que se localizavam na parte interna, além da presença da brigada militar, que fazia guarda 24 horas por dia e ocupava o perímetro (Costa, 2013, p. 33; Homenagem, 2013, p. 12). Isso resultou em manifestações memoriais ligeiramente deslocadas fisicamente, que posteriormente foram realocadas (situação a ser discutida no trecho sobre as formas como as manifestações se constituíram).

Dessa forma, os primeiros movimentos do memorial posicionaram-se na calçada vizinha, na fachada de um estabelecimento comercial que, como muitos outros na cidade, se manteve fechado por algum período. Tratava-se de uma agência que produzia materiais e eventos para formaturas e estampava em sua fachada a imagem de estudantes com beca e canudo comemorando seus ritos de passagem, imagem que contrastava com o novo contexto dos arredores. E, consolidando essa proposição da modificação do espaço, brevemente essa imagem já estava ocultada por elementos integrantes do memorial. Nessa direção, em determinado momento, o trecho da calçada não deu mais conta do número de objetos, fazendo com que fosse necessário ocupar um novo espaço para depositar os elementos, o que resultou em seu transbordar para a superfície da via, que ainda estava obstruída para o tráfego rotineiro de pedestres e veículos (Lotação [...], 2013, p. 9; Diário de Santa Maria, 2013, p. 2).

Por isso, aquele local continuou a transformar-se, comparadamente a um efeito sanfona, que ora tomava proporções maiores, resultando na apropriação do espaço da rua, ora sofria reduções, algumas das quais são abordadas na sequência. Tais movimentos, intencionais ou não, comprimiam o espaço de manifestação ao limite da fachada da Kiss ou em superfícies sobrepostas a ela, e em outras situações essas fronteiras eram momentaneamente dissipadas de forma tácita entre agentes públicos e sociedade civil.

De toda forma, aquele memorial foi “utilizado” em momentos diversos e mantido por variadas formas de convergência. Essas incursões, muitas vezes, além de recorrerem somente àquele sítio, integraram uma espécie de topografia memorial momentânea, interligando, por meio de grandes mobilizações como reuniões, caminhadas e marchas, sítios simbolicamente vinculados à memória daquele trauma (Truc, 2012; Mesnard, 2020). Assim, foram demarcados lugares como a Praça Saldanha Marinho, o Ginásio Desportivo Municipal, algumas avenidas do centro da cidade e o prédio da Kiss, que em alguns casos fazia parte da rota percorrida pelas mobilizações (Rangel, 2022). Logo, tais apropriações podem ser observadas com base na proposição de Philippe Mesnard (2020), de que os movimentos memoriais devem ser considerados nesses processos de ocupação dos

espaços da urbe. A partir dessas constituições, existiram momentos em que a memória daquele trauma se sobrepôs a quaisquer outras constituições originais desses espaços, bem como a camadas memoriais precedentes.

O segundo aspecto desta abordagem refere-se à marcação das manifestações no tempo, inicialmente provocadas por sua referência a “quando” aconteceram. De pronto, deve-se mencionar que, ao refletir sobre essa situação, identifica-se que as manifestações iniciadas em 2013 ainda perduram, embora de formas diferentes. Por isso, nesta análise reporta-se a um *continuum* de manifestações naquele sítio, algumas ocorrendo em momentos de transferências, outras de cisão, de modificação, entre outros aspectos que integram a caminhada memorial percorrida naquele espaço.

Nesse aspecto, argumenta-se que se preocupar em identificar desde quando e até quando durou um tipo de manifestação memorial naquele espaço seria um ato impreciso. Assim, além da proposição de localização temporal, outro desdobramento poderia ser proposto, relacionando diversos enquadramentos do tempo. Esse desdobramento, além de ser um indicador para localizar as manifestações no calendário, seria percebido como um demarcador que aborda outros aspectos, como o tempo investido nas manifestações em determinadas construções, o tempo de intervalo entre elas, o tempo de duração de algumas propostas, entre outros.

Nessa esteira, entende-se que as apropriações daquele espaço fazem parte desse *continuum* de tempo das mobilizações – em contrariedade a rupturas e términos abruptos – e que dependem de variados contornos e agentes que resultam ora em possibilidades de novas formas de ação, ora em eventual esmaecimento de outras. Não podem, todavia, ser ignoradas conjunturas que encampam certas formas de manifestação e o seu tempo de existência. Estas podem indicar ênfase em processos diversos, como o de luto individual e da sociedade – explicitados publicamente por meio da *performance* e dos ritos comemorativos –, ou ainda em outras demandas posteriores, relacionadas à justiça, reparação ou consagração da memória, que, tanto na perspectiva de Truc (2012) quanto na de Schindel (2009), são abordagens e atuações fundamentais para a durabilidade de um lugar para a memória.

As diversas manifestações que constituíram o memorial foram iniciadas no mesmo dia do incêndio (Homenagem, 2013, p. 12), o que, na perspectiva de Truc (2018), irrompe um sentimento de comunidade que concentra forças no momento de dor. No caso de Santa Maria, entretanto, as manifestações não estão circunscritas somente aos movimentos iniciais, pois, mesmo que transformadas e com visível redução de adesão popular, perduram até a atualidade.

Assim, é possível citar diferentes momentos de apropriação daquele sítio: o tempo de permanência de uma mãe em estado de oração (Mãe [...], 2013, p. 13); o período da passagem de transeuntes na frente do local; o tempo investido por convergentes externos, que se deslocavam de outras localidades para uma visita (Roese, 2013c, p. 6); o tempo de uma vigília, ocasionando períodos de permanência dos indivíduos naquele espaço (Vigília [...], 2013, p. 10); o tempo em que familiares, amigos e sobreviventes se dedicavam a organizar aquele espaço (Faixas [...], 2013, p. 8); e os momentos em que o sítio permaneceu sem nenhuma mobilização.

O terceiro aspecto enquadra a abordagem sobre o “quem e como”, unidos pela indissolubilidade entre os sujeitos e a forma como atuavam naquele determinado espaço. Tal proposta se colocaria como um grande desafio se o objetivo fosse listar detalhadamente os atores e a maneira como estiveram em cena. Contudo, indo por caminhos mais amplos, acredita-se que seja parte do próprio significado desses memoriais ser construções abrangentes das sociedades que se utilizam desse modo de manifestação. Por isso, articula-se tal aspecto entre os principais grupos citados nessas manifestações e os elementos componentes de seus rituais.

Conforme se apresentou, imediatamente após o incêndio começaram a surgir alguns objetos na calçada da Rua dos Andradas (Recchia, 2013, p. 6-7; Homenagens não param [...], 2013, p. 7). Eram arranjos florais, como pequenos buquês, denominados pela mídia local como homenagens. Essas flores iniciaram um processo que se consolidaria durante alguns anos, tomando formas e aspectos diversos. Na sequência, começaram a ser depositados ali outros objetos, como balões de gás na cor branca, que segundo Doss (2008) representavam, assim como as flores, a brevidade e a beleza da vida. Além disso, cartazes com mensagens escritas à mão citavam nomes de vítimas, mensagens de luto, entre outras conversas, que caracterizam uma função do memorial de agir como um portal entre o mundo dos vivos e o dos mortos (Santino, 2010), promovendo conversas e até mesmo confissões às vítimas (Doss, 2008).

Assim, mesmo que o espaço da fachada da boate ainda não estivesse disponível para a livre manifestação, as pessoas que convergiram até o local, voltando-se em direção ao prédio, depositavam objetos na superfície que estivesse disponível. Além disso, em algumas manifestações se percebe o grau de complexidade que as envolvia, sobretudo nos casos de *banners* impressos em gráficas e elaborados com montagens de fotografias e mensagens (Recchia, 2013, p. 6-7), denotando o que Doss (2008) tratou como a elaboração prévia que alguns grupos ou visitantes solitários desempenhavam para sua visita. Nessas situações, os convergentes traziam de casa seus cartazes e materiais para fixar no memorial, permitindo uma maior durabilidade e, posteriormente, sua mobilidade como um porta-bandeira.

Logo, criou-se um cenário que certamente pode ser rememorado, com muitas flores em vasos, buquês e vários cartazes que lotavam a fachada vizinha, fazendo com que muitos dos novos cartazes e faixas acabassem depositados no solo da via. Dessa forma, dadas as condições, dimensões e impacto do fato, cada vez mais objetos eram depositados naquele sítio, até chegar ao ponto em que a fachada do prédio se mantinha isolada e seu entorno estava repleto deles. Tal expansão se devia também ao fato de que algumas mobilizações que aconteciam ou se iniciavam em outros sítios acabavam por se direcionar para aquele endereço, onde grupos compostos por familiares de pessoas falecidas, por sobreviventes e seus parentes ou por demais cidadãos se uniam à causa (Roese, 2013b, p. 10). Entre os temas dessas mobilizações estava o argumento sobre a responsabilização do incêndio, que brevemente ganhou espaço na cena pública. Esse fato refletiu-se no memorial por meio de cartazes, *banners* e faixas que indagavam a respeito da culpa, da justiça e faziam menção às vítimas, demonstrando o luto e pesar em nome de instituições, entre outras manifestações como bandeiras do Brasil e do Rio Grande do Sul (Homenagens e cobranças, 2013, p. 2; Jovem [...], 2013, p. 10). Os grupos, com identidades múltiplas, compartilhavam entre si diferentes sentimentos e sentidos, conectando a multiplicidade de pontos de vista retratados. Conforme defenderam Halbwachs (2004) e Candau (2015), há tantas memórias quanto grupos existentes, ou mesmo uma crença no compartilhamento universal, quando na verdade diferentes agrupamentos se reúnem e se manifestam em um espaço por motivos distintos além do luto.

Somando-se aos elementos inicialmente propostos no memorial, alguns objetos que não eram recomendados nas mobilizações – como as velas, por remeterem ao fogo – posteriormente passaram a fazer parte do memorial, sobretudo nos momentos das reuniões empreendidas em seu espaço. As reuniões estavam diretamente conectadas a uma dimensão de fé e oração, em proposta para a iluminação das almas. Além dessas, outras construções de caráter religioso surgiram, como montagens similares a tapetes de procissões cristãs, constituídas por flores em formatos de cruz, por exemplo. Tais atuações estiveram em sua maioria atreladas a práticas como a vigília, que denota um tom de oração, e reuniam pessoas em horários predeterminados com foco na sincronização de

sua manifestação com o horário em que o incêndio teria iniciado, por volta das 3 horas da madrugada. Nesse momento, acentuavam-se as práticas no local, com orações, toque de sirenes, cânticos ou silêncio, que tiveram muita adesão, sobretudo nos momentos iniciais das mobilizações na cidade (Orações [...], 2013, p. 10; Unidos [...], 2013, p. 19).

De forma a enquadrar o *continuum* temporal citado, instalaram-se em Santa Maria diferentes discussões e propostas relacionadas ao local que já naquele momento recebia sentidos de memorial, mesmo sem essa atribuição direta. Nessa direção, houve propostas de criação de memoriais e/ou monumentos a serem instalados no sítio do trauma (local do incêndio). À época, tais iniciativas partiram tanto da sociedade civil – manifestada por meio de redes sociais e jornais da cidade – quanto dos poderes Legislativo e Executivo locais, expressas em diferentes pronunciamentos (Homenagens *continuum*, 2013, p. 17). Essas sugestões geraram cada vez mais olhares direcionados àquele sítio. De igual maneira, aquele espaço, fosse atribuído o sentido de um futuro memorial a ser erigido ou fosse significado pelo memorial mantido pela comunidade, continuou a transformar-se. Tal transformação resultou de uma permanência semeada pela necessidade de alguns grupos em preservar vínculos criados por meio das ações ali empreendidas (Doss, 2008).

Considerando a solicitação policial para isolar o local a fim de preservá-lo como evidência no inquérito da investigação criminal, além dos riscos tóxicos ainda desconhecidos, agentes da Prefeitura construíram uma estrutura de madeira com certa distância das ruínas da fachada. Tal ação providenciou a transferência de todos os cartazes fixados nas imediações e em partes da fachada da Kiss, bem como das flores que estavam no local (Rua [...], 2013, p. 12). Desse modo, assim como em muitos outros casos – como o do memorial criado em Oklahoma, EUA, resultante do atentado a bomba ao Edifício Federal Alfred P. Murrah –, as manifestações encontraram ou fizeram uso de uma nova superfície apta a receber suas demarcações. Todavia em Santa Maria, diferentemente do caso de Oklahoma, aquela superfície de tapumes ocultava a fachada do prédio e tornava-se o novo quadro; ou, segundo Marita Sturken (1991) em seus estudos sobre memoriais nos EUA, a “tela” que apresentava as manifestações públicas naquele local, ao mesmo tempo em que projetava, também ocultava algo da visão.

Ademais, elementos perecíveis, como as flores, que estiveram presentes naquele sítio e são utilizadas sistematicamente nesses rituais públicos, não são simples oferendas, mas proposições investidas de novos sentidos. Para Santino (2010), elas refletem tanto um modo de pensar comunitário quanto um ato individual em que se lamentam as mortes e se condena a forma como o fato ocorreu. Para Doss (2008), as flores podem representar tanto a ideia de beleza quanto da brevidade da vida, pois seguem um processo natural de crescer e morrer, diferentemente das vidas interrompidas das vítimas, conforme argumentou Bednar (2011). Nesse sentido, em outras situações os sujeitos envolvidos utilizavam maneiras criativas de lidar com a morte natural das flores, seja utilizando-as como adubo ou congelando-as para além do tempo (Arvanitis, 2019). No caso de Santa Maria, os restos foram levados ao cemitério local para uma espécie de sepultamento, inserindo as flores na lógica de vida e morte e levando-as para o local da “última morada” (A vida [...], 2013, capa).

Com as modificações feitas na Rua dos Andradas, foi possível liberar o trânsito, interrompido desde a fatídica madrugada, e encerrar a vigia constante do local pela brigada militar. Essas mudanças atenderam aos interesses de retorno à vida cotidiana, permitindo a liberação da circulação na via. Ainda assim, as manifestações eram admitidas no local, embora sob condições impostas. O acordo previa que, após o término das manifestações, o espaço da via pública fosse novamente liberado. Tais movimentos costumam fazer parte desse processo de mobilização, em que entes e outros

sujeitos pressionam as comunidades manifestantes a devolver o local à sua normalidade (Arvanitis, 2019). A esse respeito, o ente público atuou mais de uma vez, até mesmo de formas hostis, o qual de acordo com grupos mobilizados alegava que eles deveriam deixar de manifestar-se naquele ambiente, transformando a fachada do prédio em uma superfície branca e estéril. Essa ação pode ser interpretada como parte de uma certa retificação, que buscava remover ou apagar os vestígios que indicavam as memórias daquele evento, nesse caso as manifestações plasmadas no memorial (Truc, 2012).

Assim, por algum tempo, as manifestações ficaram circunscritas ao quadro espacial delimitado pelos tapumes, dando ênfase aos materiais expostos na tela e resultando até na severa diminuição do número de arranjos florais e outros elementos depositados no solo. Contudo, ao contrário do que se poderia prever, essa espécie de limitação espacial não conseguiu conter o poder das ações, que vazavam por suas bordas (Jovem [...], 2013, p. 10). Algum tempo depois, ocorreram manifestações que subvertiam a lógica do espaço contido e retomavam o uso da rua (via pública). Muitas vezes assumiam caráter transgressor, como quando o asfalto foi pintado com silhuetas, transformando o local de passagem em uma nova tela para suas expressões. Trata-se de um tipo de ação que, de acordo com Santino (2010), contraria o controle do espaço presente nessas situações.

De todo modo, mesmo quando deslocados para a fachada vizinha, para tapumes, para a rua ou para a fachada ligeiramente reformada, tais movimentos nunca foram interrompidos. A reprogramação do espaço tornou-se um ato rotineiro de agentes articulados em grupos de familiares e amigos de vítimas e sobreviventes, que assumiram para si a responsabilidade e a condução das manifestações naquele local. Assim, tais agentes ininterruptamente continuam a mobilizar o espaço, com propostas até de consagrá-lo com a construção de um novo memorial dotado de arquitetura e discursos outros, que promovam uma espécie de santificação duradoura do local (Truc, 2012). Portanto, as ações naquele sítio, por meio de inovadoras e criativas formas de ação, tornaram aquela fachada o quadro ou a tela que projeta à sociedade os direcionamentos e mobilizações memoriais que esses sujeitos desejam constituir.

A análise aqui proposta buscou inserir as ações empreendidas em Santa Maria em uma complexa rede de realizações que ultrapassam as fronteiras dos traumas locais, constituindo repertórios que sustentam um campo de manifestações cada vez mais observado em diferentes sítios ao redor do mundo. Certamente, não é possível abordar totalmente ou esgotar o fenômeno das manifestações, mas tais iniciativas permitem refletir sobre as principais características dessas mobilizações, circunscritas ao espaço de um sítio real de ocorrência traumática, na tentativa de compreender seus motivos de existência.

Outrossim, essas ações tornaram-se importantes ferramentas, mas não exatamente e somente isso, pois serviram mais a propósitos relacionados a um tipo de expressão que é popular do que a algo constituído exclusivamente para atingir algum tipo de meta. Nessa linha, Doss (2008) conceitua-as como construções que, além de expressar o luto, o codificam e, de alguma forma, auxiliam em seu controle.

Dessa forma, a leitura e a interpretação que podem ser realizadas a seu respeito denotam que, além de tornar-se um local de possível reivindicação ou homenagem, com essa transformação se tornou uma espécie de portal entre o mundo dos vivos e dos mortos, constituindo assim vias de “comunicação” por meio dos sujeitos que o elaboram para suas vítimas (Santino, 2010) e, muitas vezes, com as comunidades que os acompanham.

Por último, constatou-se que as proposições dos agentes em cena estiveram em constante modificação, enquanto os grupos envolvidos sentiam a necessidade de mobilizar a memória daquele trauma no espaço público. Mesmo que essas manifestações

estejam inseridas em dinâmicas temporais cada vez mais esparsas, ou mesmo mediante a construção de um novo sentido, dado por meio de um memorial permanente, ainda não se desistiu de fazer ver e ouvir o que aconteceu naquela noite de 27 de janeiro de 2013.

CONSIDERAÇÕES

Com base no estudo das mobilizações performático-memoriais ocorridas na Rua dos Andradas, em Santa Maria, após o incêndio na boate Kiss, pode-se concluir que tais ações desempenharam um papel crucial na ativação e construção da memória coletiva em torno desse trauma. O estudo da convergência de pessoas a esse local revelou comportamentos de luto, homenagens ou reivindicações, evidenciando a importância dos espaços públicos na construção e materialização da memória da ocorrência.

As manifestações envolveram desde flores, cartazes e vigílias até grandes mobilizações e mostram como a sociedade civil se organizou espontaneamente para expressar sentimentos e reivindicar justiça. O memorial, apesar de muitas vezes não ter apoio institucional, refletia um esforço coletivo de manter viva a lembrança das vítimas e de promover a discussão sobre as responsabilidades e reparação do ocorrido.

Além disso, observou-se que a memória dessa ocorrência não se limitava ao local do fato gerador, mas que se espalhou e se transformou ao longo do espaço da cidade e da passagem do tempo. As diferentes formas de *performance* memorial, desde atos simbólicos até a construção de memoriais permanentes, destacam um *continuum* das práticas de memorialização e a necessidade contínua de espaços para lembrar e refletir sobre os traumas.

A análise proposta também revela a complexidade do tema. As manifestações memoriais não são lineares nem consensuais: sofrem pressões políticas, disputas narrativas e riscos de apagamento. Há uma tensão constante entre memória e esquecimento, entre demandas comunitárias e interesses institucionais, entre a permanência das marcas do trauma e a busca por “normalidade” na vida urbana.

Esse quadro amplia-se quando se considera que a tragédia da Kiss foi apropriada por outros meios e linguagens que também configuram formas de memorialização. Além dos memoriais espontâneos no espaço urbano, surgiram iniciativas como o Memorial Virtual da Boate Kiss (um projeto descontinuado), páginas em redes sociais, documentários, séries televisivas, produções artísticas e literárias, bem como pesquisas acadêmicas em diversas áreas. Essas múltiplas apropriações demonstram que a memória da tragédia não se restringe ao espaço físico da Rua dos Andradas, mas expande-se para o ambiente digital, midiático e cultural, revelando a pluralidade e a transnacionalização dos processos de lembrança.

Portanto, o estudo das ações na Rua dos Andradas não somente contribui para a compreensão do impacto do incêndio na boate Kiss, mas também oferece reflexões valiosas sobre como as sociedades contemporâneas lidam com traumas coletivos e como a memória é constantemente (re)construída e negociada no espaço público. Este estudo pretende ajudar na compreensão do impacto do incêndio na boate Kiss, mas também evidencia como as sociedades contemporâneas elaboram seus traumas coletivos com diferentes suportes e escalas. Reconhecer a complexidade desse processo – marcado por continuidades, disputas e transformações – é fundamental para pensar políticas de memória mais inclusivas e sensíveis às múltiplas vozes e práticas que se entrelaçam na construção da memória social.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, J. C. Trauma cultural, moralidad y solidaridad. La construcción social del Holocausto y otros asesinatos en masa. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, ano LXI, n. 228, p. 191-210, 2016.

ARVANITIS, K. The “Manchester Together Archive”: researching and developing a museum practice of spontaneous memorials. **Museum & Society**, v. 17, n. 3, p. 510-532, 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BEDNAR, R. M. Materializing memory: the public lives of road crash shrines. **The Memory Waka, Memory Connection**, v. 1, n. 1, 2011.

CANDAU, J. Mémoires partagées? L’Anthropologie pour tous. Actes du colloque d’Aubervilliers. **Traces**, p. 74-85, 2015.

CHEVALIER, D. Patrimonialisation des mémoires douloureuses: ancrages et mobilités, racines et rhizomes. **Autrepart: Revue de Sciences Sociales au Sud**, Presses de Sciences, n. 78-79, p. 235-255, 2016.

CLIFFORD, R. **Commemorating the Holocaust**. The Dilemmas of Remembrance in France and Italy. Oxford: Oxford University Press, 2013. 305 p.

DOSS, E. **The emotional life of contemporary public memorials**: towards a Theory of Temporary Memorials. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2008. 52 p.

EGBO, R. **Memorializing the victims of terrorism**. Research and Statistics Division. Department of Justice Canada, 2010.

FLEURY, B.; WALTER, J. De los lugares de sufrimiento a su memoria. *In*: FLEURY, B.; WALTER, J. **Memorias de la piedra**: ensayos en torno a lugares de detención y masacre. 1. ed. Buenos Aires: Ejercitar la Memoria Editores, 2011. p. 21-43.

FRITZ, C. E.; MATHEWSON, J. H. **Convergence behavior in disasters**: a problem in social control. Washington, D.C.: National Research Council, National Academy of Sciences, 1957.

GARCIA, P. Quelques réflexions sur la place du traumatisme collectif dans l’avènement d’une mémoire-Monde. **Journal Français de Psychiatrie**, n. 36, p. 37-39, 2010.

GRISALES, S. P. A. **Os vaga-lumes da memória**: altares espontâneos e narrativas de luto em Medellín – Colômbia. 2014. Tese (Doutorado em Memória Social) – Unirio, Rio de Janeiro, 2014.

HALBWACHS, M. **Los marcos sociales de la memoria**. Tradução de Manuel A. Baeza e Michel Mujica. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

HUERTAS, J. **Les collectes des hommages aux victimes des attentats de janvier 2015**. In: MASTER Histoire et Document Parcours Archives. França: Université Angers, 2017. 100 p.

HUYSEN, A. **Seduzidos pela memória**. Arquitetura, monumentos, mídia. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KENDRA, J. M.; WACHTENDORF, T. Reconsidering convergence and converged legitimacy in response to the World Trade Center disaster. In: CLARKE, L. **Terrorism and disaster**: new threats, new ideas. Research in Social Problems and Public Policy. Amsterdam: Elsevier, 2003. v. 11. p. 97-122.

MESNARD, P. Os sítios de memória e seus espaços. Elementos para uma análise *in situ*. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 37, p. 32-40, 2020.

PACHUCKI, Jenny. Ações na “Hero Highway”. **National September 11 Memorial & Museum**. Disponível em: <https://www.911memorial.org/connect/blog/remembering-hero-highway>. Acesso em: 6 ago. 2025.

RANGEL, D. M. A. **A patrimonialização da tragédia de Santa Maria**: análise da imprensa local (Santa Maria – RS). 2019. 145 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

RANGEL, D. M. A. **Resposta comunitária ao desastre**: o caso da boate Kiss (Santa Maria – RS). Orientadora: Juliane C. P. Serres. 2022. 191 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

REMEMBRANCE awareness responsibility | 70 years of the Auschwitz-Birkenau State Museum. [S. l.]: Telewizja Polska S.A., 2017. 1 vídeo (59 min). Publicado pelo canal Auschwitz Memorial / Miejsce Pamięci Auschwitz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zeefrq7IHd4>. Acesso em: 12 ago. 2025.

ROTHBERG, M. From Gaza to Warsaw: mapping multidirecional memory. **Criticism**, v. 53, n. 4, p. 523-548, 2011.

ROUSSO, H. Rumo a uma globalização da memória. **História Revista**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 265-279, 2014.

SANCHEZ-CARRETERO, Cristina. Trains of workers, trains of death: some reflections after the March 11 attacks in MADRID. In: SANTINO, J. **Spontaneous Shrines and the Public Memorialization of Death**. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

SANTINO, J. Spontaneous shrines, memmoralization, and the public ritualesque. **Ritsumei**, Kyoto, n. 94, p. 51-65, 2010.

SAUVER Auschwitz. Direção: Jonathan Hayoun. Roteiro: Jonathan Hayoun. [S. l.]: ARTE France/Effervescence Productions, 2016. [59 min].

SCHINDEL, E. Inscribir el pasado en el presente: memoria y espacio urbano. **Política y Cultura**, Distrito Federal, México, n. 31, p. 65-87, 2009.

STURKEN, M. The wall, the screen, and the image: the Vietnam Veterans Memorial. **Representations**, n. 35, p. 118-142, 1991. Special Issue: Monumental Histories.

STURKEN, M. **Tourists of history**: memory, kitsch, and consumerism from Oklahoma City to Ground Zero. Durham and London: Duke University Press, 2007.

TAYLOR, D. **The archive and the repertoire**. Duke University Press, 2003.

TRUC, G. Memory of places and places of memory: for a Halbwachsian socio-etnography of collective memory. **International Social Science Journal**, 18 jan. 2012.

TRUC, G. **Shell shocked**: the social response to terrorist attacks. França: Polity Books, 2018.

VICTIMSUPPORTEUROPE. **Remembering victims of terrorism**: a guidance document. 2019. Disponível em: <https://victim-support.eu/publications/remembering-victims-of-terrorism-a-guidance-document/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

VILLAGE PRESERVATION. **9/11 Union Square Memorial**. Disponível em: https://www.villagepreservation.org/ia_image/9-11-union-square-memorial/. Acesso em: 6 ago. 2025.

WAHNICH, S. L'impossible patrimoine négatif. **Les Cahiers Irice**, n. 7, p. 47-62, 2011.

Matérias utilizadas

AS IMAGENS do caos. **Diário de Santa Maria**, p. 14-19, 28 jan. 2013.

A VIDA continua..., mas não como antes. **Diário de Santa Maria**, capa, 27 fev. 2013.

BRUN, Liciane. Um memorial para lembrar as vítimas. **Diário de Santa Maria**, p. 17, 31 jan. 2013.

COSTA, Letícia. Fumaça, pavor e heroísmo. **Diário de Santa Maria**, p. 33, 29 jan. 2013.

COVALESKY, Eduardo. Associação deve ser criada. **Diário de Santa Maria**, p. 10, 7 fev. 2013.

- CRONOLOGIA do desastre. **Diário de Santa Maria**, p. 24-25, 29 jan. 2013.
- DIÁRIO DE SANTA MARIA. Santa Maria, p. 2, 2-3 fev. 2013.
- FAIXAS e corações na rua para homenagear as vítimas. **A Razão**, p. 8, 28 fev. 2013.
- HOMENAGEM. **Diário de Santa Maria**, p. 12, 28 jan. 2013.
- HOMENAGENS CONTINUAM. **Diário de Santa Maria**, p. 17, 31 jan. 2013.
- HOMENAGENS E COBRANÇAS. **Diário de Santa Maria**, p. 2, 30 jan. 2013.
- HOMENAGENS NÃO PARAM de chegar. **A Razão**, p. 7, 11 fev. 2013.
- JOVEM escreve mensagem na fachada da boate. **A Razão**, p. 10, 31 jan. 2013.
- LOCAL pode sediar um memorial. **Diário de Santa Maria**, p. 22, 30 jan. 2013.
- LOTAÇÃO não teria limite na boate. **Diário de Santa Maria**, p. 9, 30 jan. 2013.
- MÃE que perdeu a filha faz vigília em frente a boate. **A Razão**, p. 13, 2-3 fev. 2013.
- NO LOCAL da tragédia. **Diário de Santa Maria**, p. 15, 29 jan. 2013.
- O PALCO da tragédia. **Diário de Santa Maria**, p. 20-21, 28 jan. 2013.
- ORAÇÕES e águas de cheiro em frente à Kiss. **A Razão**, p. 10, 31 jan. 2013.
- PÂNICO na hora do socorro. **Diário de Santa Maria**, p. 26, 28 jan. 2013.
- PY DUTRA, Tatiana. Jamais esqueceremos. **Diário de Santa Maria**, p. 4-5, 28 jan. 2013.
- RECCHIA, Arnaldo. Dor da perda. **A Razão**, p. 6-7, 7 fev. 2013.
- ROESE, Luiz. A maior tragédia da história. **A Razão**, p. 3, 28 jan. 2013a.
- ROESE, Luiz. A união faz a força na hora da dor. **A Razão**, p. 10, 4 fev. 2013b.
- ROESE, Luiz. Peregrinação no prédio da boate na Andradas. **A Razão**, p. 6, 28 fev. 2013c.
- RUA dos Andradas liberada neste sábado. **A Razão**, p. 12, 9-10 fev. 2013.
- UM MÊS de lágrimas e saudades. **A Razão**, p. 6, 27 fev. 2013.
- UNIDOS para superar a dor. **Diário de Santa Maria**, p. 19, 31 jan. 2013.
- VIGÍLIA bem além da madrugada. **Diário de Santa Maria**, p. 10, 4 fev. 2013.